



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E AGRÁRIAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS E HUMANIDADES
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS
TCC- TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

JANAINA MARQUES DE SOUSA LOPES

**A Presença do Trabalho Análogo à Escravidão no Brasil
Contemporâneo: Reflexões a Partir de Torto Arado, de Itamar Vieira
Junior**

Catolé do Rocha – PB

2023

JANAINA MARQUES DE SOUSA LOPES

**A Presença do Trabalho Análogo à Escravidão no Brasil
Contemporâneo: Reflexões a Partir de Torto Arado, de Itamar Vieira
Junior**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Letras e Humanidades da Universidade Estadual da Paraíba – *Campus IV*, como requisito para obtenção do grau em Licenciatura Plena em Letras.

Orientador (a): Prof. Dr. Aurílio Farias
Conceição

**Catolé do Rocha – PB
2023**

S725p

Sousa, Janaina Marques de.

A presença do trabalho análogo à escravidão no Brasil contemporâneo: reflexões a partir de Torto Arado, de Itamar Vieira Junior [manuscrito] / Janaina Marques de Sousa. - 2023. 30 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Portugêses) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Agrárias, 2023.

"

Orientação : Prof. Dr. Auríbio Farias , Coordenação do Curso de Letras - CCHA. "

1. Escravidão. 2. Protagonismo feminino. 3. Resistência. 4. Trabalho análogo á escravidão. I. Título

21. ed. CDD 305.8

JANAINA MARQUES DE SOUSA LOPES

**A Presença do Trabalho Análogo à Escravidão no Brasil
Contemporâneo: Reflexões a Partir de Torto Arado, de Itamar Vieira
Junior**

Aprovada em: 29 /11/ 2023

BANCA EXAMINADORA

Auribio Farias Conceição

Prof. Dr. Auribio Farias Conceição – UEPB/CAMPUS IV

(Orientador)

Fábio Pereira Figueiredo

Prof. ME. Fábio Pereira Figueiredo – UEPB/CAMPUS IV

(Examinador)

Maria Karoliny Lima de Oliveira

Prof.^a. MA. Maria Karoliny Lima de Oliveira – UEPB/CAMPUS IV (Examinador)

Catolé do Rocha- PB

2023

Dedico este trabalho, em primeiro lugar a meu bom Deus que até aqui me sustentou. Ao meu filho, que é minha razão de viver. Aos meus pais que são meu alicerce. Ao meu esposo, irmãos, sobrinhos e demais familiares. Dedico também a todos os professores que passaram por minha vida. E a todos que de alguma forma ajudaram-me a chegar até aqui.

AGRADECIMENTOS

Começarei agradecendo a aquele que tudo pode ,que tudo sabe e que tudo vê, pois sem as suas graças não poderia ter alcançado essa vitória. Agradeço pelas bênçãos, dificuldades que me impôs, assim me fortalecendo, fazendo com que eu superasse meus próprios limites. Sou grata aos meus pais (Pedro Manoel Francisco e Francilda Marques de Sousa) por tudo que fizeram e fazem por mim e pelos meus irmãos, principalmente á minha mãe, que nunca mediu esforços para nós tivéssemos acesso á educação, por sempre acreditar no meu potencial e por estar sempre ali quando eu preciso. Ao meu filhinho Anthony, por ser luz na minha vida, por me motivar a vencer todos os dias, por ser meu porto seguro, por me fazer um ser humano melhor e por todo carinho e reconhecimento que demonstra por mim. Gostaria de agradecer também ao meu esposo, Afonso, por me incentivar a reingressar no curso e por enxergar em mim um futuro promissor. Aos meus irmãos/irmãs, principalmente Joselma, Joyce, Jaqueline e Lucas Rian, que também são meus colegas de profissão, e contribuíram bastante na minha trajetória acadêmica, e aos demais familiares que me ajudaram direta ou indiretamente, e que acreditaram e torceram por mim na concretização desse sonho. A todas as turmas por onde eu passei e que me receberam tão bem, e a todos os amigos que a universidade me deu. A todos que fazem parte do Departamento de letras do Campus IV, em excepcional ao secretário Francisco Bezerra Neto, por sempre me atender, independente de horários e até mesmo fora de expediente, e ao professor Anderson Rany por todos os ensinamentos, por me tirar da zona de conforto, fazendo com que eu confiasse no meu potencial. A universidade estadual da Paraíba. E por fim ao meu ilustre orientador Auríbio Farias, pelas sábias contribuições em minha pesquisa.

A vocês, o meu muito obrigada!

Cada mulher sabe a força da natureza que abriga na
torrente que flui de sua vida.

(Itamar Vieira Junior,2019)

RESUMO: Os mais de trezentos anos de escravidão deixaram marcas profundas na sociedade Brasileira, marcas essas que perduram até os dias hoje, reverberando em desigualdades sociais e, infelizmente, contribuindo para casos contemporâneos de trabalho análogo à escravidão. Mesmo após cento e trinta e cinco anos da abolição da escravatura, e avanços no campo legislativo, o que explica a persistência de práticas de escravização no país? Sob essa ótica, o presente trabalho tem por objetivo central identificar através da obra “Torto Arado”, de Itamar Vieira Junior (2019) aspectos do trabalho análogo á escravidão na contemporaneidade. Especificamente, pretendesse apontar através de reportagens midiáticas, que assim como está presente na narrativa, o regime de trabalho escravo, mesmo que com algumas diferenças da época colonial, ainda é uma prática presente em nosso país, tal como analisar por intermédio das protagonistas do romance, o papel da mulher no tocante a tomada de consciência e na luta de resistência contra a exploração e a violência. De cunho bibliográfico, a mesma contou com contribuições: Bosi (2002), Ribeiro (2015) e Freyre (1999). Em vista disso, é esperado que essa pesquisa venha a contribuir para possíveis discussões sobre as relações de trabalho escravo moderno e para convidar o público leitor sobre a primordialidade de transformações expressivas nesse âmbito, assim propiciando uma reflexão e uma conscientização acerca de condições de trabalho dignas e justas, seja no zona rural ou na cidade.

Palavras- chave: Escravidão; Protagonismo feminino; Resistência; Trabalho análogo á escravidão.

ABSTRACT

The over three hundred years of slavery have left deep scars on Brazilian society, echoes of which persist today, manifesting in social inequalities and, unfortunately, contributing to contemporary cases of slavery-like labor. Even after one hundred and thirty-five years since the abolition of slavery and legislative advancements, what explains the persistence of enslavement practices in the country? From this perspective, this work aims to identify central aspects of slavery-like labor in contemporary times through the analysis of Itamar Vieira Junior work *Torto Arado* (2019). Specifically, it seeks to point out, through media reports akin to those present in the narrative, that the regime of slave labor, albeit with some differences from the colonial era, is still a prevalent practice in our country. The analysis also intends to examine, through the protagonists of the novel, the role of women in terms of raising awareness and resisting exploitation and violence. Based on bibliographic sources, the study draws on contributions from Bosi (2002), Ribeiro (2015), and Freyre (1999). Therefore, it is expected that this research will contribute to possible discussions on modern slavery labor relations and invite readers to reflect on the importance of significant transformations in this context, fostering awareness regarding fair and just working conditions, whether in rural or urban areas.

Keywords: Slavery; Female protagonism; Resistance; Slavery-like labor.

Sumário

1	INTRODUÇÃO	11
2	TECENDO ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE ITAMAR VIEIRA JUNIOR E A OBRA TORTO ARADO.....	12
3	ESCRAVIDÃO NO BRASIL: DA COLÔNIA Á CONTEMPORANEIDADE	15
4	TORTO ARADO E AS RELAÇÕES DE EXPLORAÇÃO NO CAMPO..	20
5	RESISTIR É NECESSÁRIO: A LUTA DE RESISTÊNCIA E O PROTAGONISMO FEMININO EM ÁGUA NEGRA	24
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	27
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	29

1 INTRODUÇÃO

A trajetória da escravidão no Brasil iniciou-se na primeira metade do século XVI, destacando-se pela presença dos navios negreiros e as condições desumanas enfrentadas por mulheres e homens. Mesmo após a abolição, estabelecida pela assinatura da Lei Áurea, muitos libertos enfrentaram desafios significativos, pois a falta de suporte das autoridades da época os deixou sem orientação sobre sua nova condição. Isso levou muitos a retornarem às terras de seus “ex-donos” em busca de trabalho. Contudo, hoje, cento e trinta e cinco anos pós-abolição da escravatura, e avanços no campo legislativo, o que explica a persistência de práticas de escravização no país? Ao longo dos anos, os impactos culturais desse período persistiram na sociedade brasileira, refletindo-se em desigualdades sociais e, infelizmente, contribuindo para casos contemporâneos de trabalho análogo à escravidão, fato esse que nos estimulou a definir tal temática, justificando a importância desta pesquisa.

Nesse viés, o presente trabalho tem por objetivo central identificar através da obra *Torto Arado*, de Itamar Vieira Junior (2019) aspectos do trabalho análogo à escravidão na contemporaneidade. Especificamente, pretende-se apontar através de reportagens midiáticas, que assim como está presente na narrativa, o regime de trabalho escravo, mesmo que com algumas diferenças da época colonial, ainda é uma prática presente em nosso país, tal como analisar por intermédio das protagonistas do romance, o papel da mulher no tocante a tomada de consciência e na luta de resistência contra a exploração e a violência.

A metodologia empregada na realização deste estudo foi a revisão bibliográfica, ancorada nas perspectivas de estudiosos, como: Bossi(2002), Ribeiro(2015) e Freyre (1999). Na construção da pesquisa, também foram utilizados resumos e fichamentos, tanto da obra analisada, assim como de livros, artigos e periódicos publicados, que dialogam acerca da temática em pauta.

O presente trabalho foi realizado conforme as seguintes etapas: De início, foi feita a leitura e o mapeamento da obra *Torto Arado* (2019) de Itamar Vieira Junior, com o objetivo de destacar trechos referentes ao trabalho escravo, em seguida foram feitas

reflexões sobre a importância dessa obra para o entendimento de questões de cunho sociais, legislativas e culturais, também embasada em referências relacionadas ao tema, como: Brasil (1940), Carvalho (2005) e Duarte (2009). O artigo está organizado em quatro capítulos, dispostos da seguinte forma: No primeiro capítulo será apresentada a biografia do autor Itamar Vieira Junior, bem como uma breve sinopse da obra. No tópico seguinte traçamos um panorama geral da escravização no Brasil, que vai desde a época colonial, passando pela abolição até a atualidade, trazendo casos de pessoas encontradas em situações semelhantes às vivenciadas no tempo da escravidão, na contemporaneidade.

No capítulo três sucederá uma análise de como as práticas de trabalho análogo à escravidão rural estão evidenciados claramente no romance. O capítulo quatro aborda como as mulheres desempenham um papel central na narrativa, evidenciando sua força e resiliência na luta contra as adversidades socioculturais.

2 TECENDO ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE ITAMAR VIEIRA JUNIOR E A OBRA TORTO ARADO

Nascido no ano de 1979, na cidade de Salvador, Bahia, Itamar Rangel Vieira Junior tornou-se um escritor nacionalmente conhecido na literatura contemporânea. Desde cedo, influenciado por escritores da geração de 1930-1945 mostrou-se interessado pela literatura, e aos dezesseis anos começou a escrever o que mais tarde viria a ser a obra Torto arado, hoje, conhecida internacionalmente. Quando apresentou o manuscrito a família, recebeu desencorajamento; considerava sua escrita uma “perca de tempo”. Isso o levou a desilusão, seguida por períodos de reclusão e pausa na criação. O texto original acabou perdido em uma das muitas residências que habitavam, devido às frequentes mudanças que a família fazia em busca de aluguéis mais acessíveis.

Antes de se tornar escritor conhecido, Itamar estudou na Universidade federal da Bahia, onde fez faculdade e mestrado em geografia sendo o primeiro aluno a ganhar a bolsa Milton Santos, que é voltada para estudantes negros de renda baixa, além disso, possui doutorado em estudos étnicos e africanos. Oficialmente, a trajetória literária de Itamar Vieira Júnior teve início em 2012, quando seu debut literário, intitulado "Dias", conquistou o Prêmio Projeto de Arte e Cultura na Bahia. O êxito do primeiro livro

pavimentou o caminho para seu segundo trabalho, também uma coletânea de contos chamada "A Oração do Carrasco". Este livro não apenas foi finalista do Prêmio Jabuti, mas também alcançou o segundo lugar no Prêmio Bunkyo de Literatura em 2018, e recebeu o reconhecimento máximo ao vencer o Prêmio Humberto de Campos da União Brasileira de Escritores.¹

Após anos de estudos e de trabalho no INCRA, reúne informações e retorna às memórias dos escritos perdidos e escreve o romance "Torto arado", que foi publicado pela Editora Todavia em 2018, ganhando o prêmio LeYa 2018 em Portugal, e em 2020 no Brasil os prêmios Jabuti na categoria Romance realista e Oceanos na categoria Romance. Desde o seu lançamento vendeu mais de 430 mil exemplares, sendo traduzido para diversos idiomas, como inglês, espanhol, francês, italiano, alemão e japonês.

Ao longo de 15 anos de dedicação no INCRA, o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária, sua experiência entre comunidades rurais, indígenas e quilombolas inspirou a criação das protagonistas de seu livro. As irmãs, nascidas em uma fazenda de trabalhadores servis, vivenciam uma história entrelaçada de fé e luta. A motivação surge ao se depararem com uma velha faca da avó, cujo brilho as fascina. Ao levar a lâmina à boca, uma língua é cortada, representando não apenas uma perda narrativa, mas, sobretudo, uma metáfora profunda: "Nem todos têm o direito à voz. Apesar de nascerem com a capacidade de fala, apenas alguns segmentos encontram representação na vida pública".

O título "Torto arado" foi escolhido com referência no poema lírico "Marília de Dirceu", do poeta árcade Luso-brasileiro Tomás Antônio de Gonzaga, publicado em 1792, século XVIII. Vale destacar que o poeta foi um dos revoltosos da inconfidência mineira.² Para Vieira Junior construir sua própria identidade como homem negro, precisou mergulhar a fundo nessa história, para isso ele recorreu ao passado, à memória histórica, mas, ao fazer esse resgate, encontra somente uma história que vem sendo contada durante séculos sob a visão do homem branco, o que deixava um vazio na criação dessa identidade.

¹ Disponível em: <https://www.livrobingo.com.br/conheca-itamar-vieira-junior>. Acesso em 27.jul.2023.

² <https://brasil.elpais.com/cultura/2020-12-02/tudo-em-torto-arado-ainda-e-presente-no-mundo-rural-brasileiro-ha-pessoas-em-condicoes-analogas-a-escravidao.html>

Foi a partir daí que o autor viu que era preciso reconstruir uma memória cultural e identitária sob o ponto de vista afrodescendente, nos colocando diante de uma realidade pouco conhecida, pois o ponto de vista narrado é feminino e negro, assim rompendo uma estrutura composta principalmente por narradores e personagens brancos do sexo masculino, e trazendo ao leitor personagens e fatos que ficaram à margem da história oficial brasileira por muito tempo.

Pode o negro falar? Expressar seu ser e existir negros em prosa ou verso? Publicar? Nem sempre. Sobretudo no passado: falar de sua condição de escravizado, ou de homem livre na sociedade escravocrata, levantar a sua voz contra a barbárie de cativo; ou, já no século XX, enquanto sujeito dolorosamente integrado ao regime do trabalho assalariado; ou excluído e submetido às amarras do preconceito, com suas mordidas. Apesar de tudo, muitos falaram, escreveram e publicaram (Duarte, 2010, p.11).

Vieira Junior, ao escrever a obra *Torto arado*, utiliza seu ponto de vista afrodescendente e através de suas narradoras faz ecoar as vozes e memórias coletivas de muitas mulheres e homens que aparecem durante a narrativa, tentando reparar uma história que foi negada ao povo afro-brasileiro. Foram séculos silenciando o discurso negro, o qual se arrasta até hoje na contemporaneidade. A literatura afro-brasileira vem abrindo caminhos para a escrita de autoria negra, e trazendo ao centro da narrativa os grupos marginalizados, o qual antes eram compostos por homens, brancos, de classe social privilegiada.

Os escritores contemporâneos desfrutam de vantagens notáveis, especialmente quando comparados à dinâmica de publicação das gerações anteriores. O êxito de uma obra, contudo, não se restringe às instâncias de legitimação (BOURDIEU, 1974), como críticas e prêmios; é correto afirmar que esses elementos auxiliam na divulgação, mas a verdadeira força da obra reside no retrato de um Brasil velado, profundo e rural.

O livro está dividido em três partes — "Fio de corte"; "Torto Arado" e "Rio de Sangue" — e é narrado pelas irmãs Bibiana e Belonísia, além da entidade Santa Rita Pescadeira. A trama se desenrola principalmente em "Água Negra", uma fazenda nas proximidades da Chapada Diamantina, na Bahia, onde cerca de quarenta famílias, submetidas ao trabalho na lavoura, têm como "direito" máximo a estadia em casas de barro e a possibilidade de pequenas roças em seus quintais.

O incidente que molda a narrativa é revelado nas primeiras páginas, quando as irmãs, ainda crianças, descobrem uma mala de couro guardada pela avó Donana. Nela, encontram um objeto misterioso envolto em um pedaço de tecido. A curiosidade leva a um ferimento, marcando uma diferença entre as irmãs: uma ferida superficial, a outra perdendo não apenas um pedaço da língua, mas também a habilidade de falar.

A primeira parte, "Fio de corte", conclui com as irmãs adultas, prontas para aventuras, cada uma seguindo suas paixões. Bibiana, grávida do primo Severo, foge da fazenda em busca de uma realidade menos árdua. Belonísia, por outro lado, assume uma forte ligação com a terra, apoiando a luta contra a dura realidade da fazenda.

O segundo capítulo, "Torto Arado", narrado por Belonísia, descreve a partida de Bibiana e a dedicação da irmã ao trabalho na lavoura, nas aulas da escola local e nas rodas do Jarê, elemento crucial na trama, revelando manifestações culturais quilombolas.

Narrado por Santa Rita Pescadeira, a terceira parte "Rio de Sangue" começa com a visão impactante de um rio contaminado e peixes mortos. Ao retroceder no tempo, revela-se a origem desse desastre ambiental. No desfecho, Bibiana contempla a importância vital da água para sua comunidade, lamentando os danos causados pela poluição e exploração, que afetaram a subsistência e a cultura locais.

A interligação da narrativa com elementos culturais, como o Jarê, proporciona uma compreensão mais profunda da vida nas comunidades quilombolas. A perda da língua por uma das irmãs gera expectativa sobre como isso influenciará a relação entre Bibiana e Belonísia, adicionando complexidade à trama.

Em um contexto literário contemporâneo, a capacidade de explorar temas culturais e sociais, aliada à representação autêntica do Brasil profundo, contribui para a força e autenticidade da obra. A diversidade de perspectivas e a habilidade de capturar a essência de diferentes realidades tornam as obras contemporâneas relevantes e impactantes, como explicitam os autores Bourdieu (1974) e Banaggia (2013).

3 ESCRAVIDÃO NO BRASIL: DA COLÔNIA Á CONTEMPORANEIDADE

Na primeira metade do século XVI, no qual os portugueses lotavam porões de embarcações, chamados de navios negreiros, com homens e mulheres que viviam em colônias africanas para servir de mão-de-obra nos engenhos de açúcar e nas minas de ouro localizados principalmente no Nordeste do país. Ao desembarcarem, os negros eram confinados para poderem melhorar suas condições físicas, ganharem peso e melhorarem a aparência, pois quanto mais saudáveis fossem, mais caro era o valor de venda. Os escravos eram literalmente vendidos como mercadorias aos senhores do engenho (Lotto, 2015 apud Luiza; Odair, 2017, p. 3).

A instituição da escravidão no Brasil, iniciada na primeira metade do século XVI, é caracterizada pela presença angustiante dos navios negreiros, nos quais homens e mulheres enfrentavam condições desumanas. Após viagens exaustivas, muitos perdiam a vida ou eram submetidos a jornadas sobre-humanas, trabalhando do amanhecer ao anoitecer nas fazendas ou centros urbanos. Reconhecer esse capítulo sombrio é essencial para compreender os profundos impactos sociais e culturais que reverberam em nossa história.

No livro "Brasil: uma história - cinco séculos de reconstrução" (2012), Eduardo Bueno aborda a colonização do Brasil, desde a chegada dos portugueses em 1500 até os primeiros contatos com os indígenas, da seguinte forma:

O longo, rendoso e doce reinado do açúcar em terras brasileiras – iniciado em 1532 e ainda sem data para acabar – trouxe também consequências amargas para o país. Plantada com avidez e impaciência no luxuriante solo de aluvião do litoral nordestino, a cana-de-açúcar deu luz ao Brasil, colocando-o no mapa do comércio planetário. O pó branco tornou-se “o principal nervo e substância da riqueza da terra, segundo um antigo cronista. Com os dividendos – de qualquer forma logo emigrados para Portugal e, dali, para a Holanda – vieram a devastação das matas, a escravização indígena em larga escala, os desatinos do monopólio e da monocultura, a infâmia inominável do tráfico negreiro, a vertigem do lucro fácil, o latifúndio, a pirâmide social exclusivista, a ganância desenfreada – vícios que o Brasil, em vez de sanar, incorporou (Bueno, 2012, p.44).

A escravidão do povo africano foi profundamente trágica, marcada pela enorme quantidade de indivíduos arrancados de suas terras, famílias, contextos sociais, tradições e dignidade. Alguns dos grandes estudiosos, como evidenciado em "Casa-grande & senzala" de Gilberto Freyre (1999), por vezes tendem a minimizar ou suavizar esses acontecimentos em suas narrativas. "O povo brasileiro" de Darcy Ribeiro(2015) apresenta a abordagem mais realista e incisiva sobre a dura e cruel realidade enfrentada pelos escravizados africanos no Brasil colônia:

Conscritos nos guetos de escravidão é que os negros brasileiros participam e fazem o Brasil participar da civilização de seu tempo. Não nas formas que a chamada civilização ocidental assume nos núcleos cênicos, mas com as deformações de uma cultura espúria, que servia a uma sociedade subalterna. Por mais que se forçasse um modelo ideal de europeidade, jamais se alcançou, nem mesmo se aproximou dele, porque pela natureza das coisas, ele é inaplicável para feitorias ultramarinas destinadas a produzir gêneros exóticos de exportação e de valores pecuniários aqui auridos. Seu ser normal era aquela anomalia de uma comunidade cativa, que nem existia para si nem se regia por uma lei interna do desenvolvimento de suas potencialidades, uma vez que só vivia para outros e era dirigida por vontades e motivações externas, que o queriam degradar moralmente e desgastar fisicamente para usar seus membros homens como bestas de cargas e as mulheres como fêmeas animais. As diferenças entre os dois modelos, não sendo degradações nem enfermidades, não podiam jamais ser reestruturadas ou curadas. De fato, era o Brasil que se construía a si mesmo como corresponde à sua base ecológica, o projeto colonial, a monocultura e o escravismo do que resulta uma sociedade totalmente nova (Ribeiro, 2015. p.89).

Essa era a condição daqueles que atravessavam o oceano em direção à costa brasileira. Os que conseguiam sobreviver eram prontamente incorporados ao sistema de escravidão, onde as atividades exploratórias negavam-lhes até mesmo o mínimo controle sobre suas próprias vidas.

A abolição da escravidão no Brasil foi marcada por uma série de leis que visavam garantir os direitos dos escravos. A Lei Eusébio de Queirós, em 1858, tinha como objetivo encerrar de forma definitiva o tráfico de escravos. A Lei dos Sexagenários, em 1885, intencionava a libertação de escravos com mais de 60 anos. A Lei do Ventre Livre, de 1871, atestava liberdade aos filhos de escravos nascidos após sua promulgação, desde que atingissem a maioridade. Finalmente, a Lei Áurea, promulgada em 1888, marcou o término definitivo da escravidão no Brasil.³

³ https://www.gov.br/arquivonacional/pt-br/sites_eventos/sites-tematicos-1/brasil-oitocentista/temas-oitocentistas/legislacao-abolicionista-no-imperio

Porém, mesmo com o fim da escravidão sendo garantida por lei, muitos escravizados ao se verem libertos ficaram sem saber o que fazer com a sua nova condição, pois não houve ajuda por parte das autoridades da época, o que fez com que muitos voltassem para a terra de seus ex-patrões para pedir trabalho. No entanto, o máximo que eles conseguiam era dar continuidade ao processo exploratório imposto pelos donos das fazendas, mesmo havendo a promessa de “condições de trabalho diferentes” das vivenciadas anteriormente, ainda se tratava dos mesmos trabalhos desempenhados dos tempos de escravidão.

Na ausência de uma política social voltada para os recém-libertados, muitos enfrentaram a condição de "escravidão fantasiada de liberdade", sendo compelidos a submeter-se aos caprichos daqueles que antes eram seus opressores. Ao longo dos anos, os descendentes desses escravizados, ainda impactados por cicatrizes culturais, carregam os vestígios desse período na sociedade escravista brasileira.

Após o fim legal da escravidão, as suas influências continuaram profundamente enraizadas na sociedade brasileira, revelando-se em formas de racismo estrutural, desigualdades sociais persistentes e nas ricas heranças culturais que perduram.

É sintomático da cultura da desigualdade que ele não seja considerado marginal como os que estão por fora e à margem da lei, mas por baixo dela. Entre os dois marginais labuta a multidões dos cidadãos sujeitos aos rigores da lei (Carvalho, 2005).

Os ex-escravos no Brasil enfrentavam uma realidade em que direitos fundamentais não eram reconhecidos pelo Estado. A única garantia era a preservação da vida durante sua existência. A sorte desses indivíduos dependia de sua resiliência e da força encontrada na religiosidade que carregavam consigo. Escapar da condição de mero instrumento produtivo imposto pelo sistema escravista era essencial. Criar espaços próprios para estabelecer famílias, educar os filhos, desfrutar de momentos de lazer e praticar suas crenças religiosas africanas ou católicas na nova vida tornou-se imperativo. Para sobreviver e transformar suas vidas na era pós-escravidão, esses ex-escravos precisaram recorrer às lembranças da África e às experiências acumuladas durante anos de cativo.

A falta de apoio na transição pós-abolição perpetuou desigualdades sociais que ainda são visíveis hoje no Brasil, e de acordo com o artigo 149 do Código Penal,

conduziu a um problema denominado trabalho escravo moderno, o qual é marcado pelos seguintes elementos:

Art. 149. Reduzir alguém à condição análoga à de escravo, quer submetendo-o a trabalhos forçados ou a jornada exaustiva, quer sujeitando-o a condições degradantes de trabalho, quer restringindo, por qualquer meio, sua locomoção em razão de dívida contraída com o empregador ou preposto: Pena - reclusão, de dois a oito anos, e multa, além da pena correspondente à violência. Nas mesmas penas incorre quem: I - cerceia o uso de qualquer meio de transporte por parte do trabalhador, com o fim de retê-lo no local de trabalho; II - mantém vigilância ostensiva no local de trabalho ou se apodera de documentos ou objetos pessoais do trabalhador, com o fim de retê-lo no local de trabalho. A pena é aumentada de metade, se o crime é cometido: I - contra criança ou adolescente; II - por motivo de preconceito de raça, cor, etnia, religião ou origem (Brasil, 1940).

Ao abordar as condições de trabalho, é essencial distinguir entre o que chamamos de trabalho análogo à escravidão e o verdadeiro trabalho escravo. No contexto contemporâneo, não se trata mais de alguém sendo legalmente propriedade de outra pessoa, como na época da escravidão no Brasil colonial e imperial. Casaldáliga (1971) observa que a escravidão nos dias de hoje assumiu uma forma mais refinada e cruel. Mesmo sem serem legalmente propriedade de alguém, os trabalhadores livres muitas vezes enfrentam condições que se assemelham àquelas vividas por pessoas escravizadas em séculos passados. Isso levanta questões sobre o respeito à dignidade humana, pois, apesar de possuírem direitos e deveres como trabalhadores livres, sua situação pode ser análoga à dos que viveram sob escravidão no passado.

Silva, Magalhães e Dutra (2019) ressaltam que, apesar da expansão das fronteiras agrícolas no século XX, a influência dos latifundiários perdura na contemporaneidade. Isso levou muitas famílias a se deslocarem em busca de oportunidades de vida melhores, com o poder do Estado diminuindo à medida que avançavam para o oeste. Hoje, o agronegócio é uma realidade, com terras conquistadas tornando-se propriedade de fazendeiros que mantêm a tradição latifundiária brasileira. A persistência da escravidão moderna e do trabalho análogo ao escravo é uma triste realidade na sociedade brasileira atual.

No passado, a exploração do trabalho escravo era marcada por condições desumanas e violações dos direitos fundamentais dos indivíduos. Embora a escravidão tenha sido oficialmente abolida, ainda hoje existem formas contemporâneas de trabalho precário e exploratório, como o trabalho infantil, o trabalho que se assemelha à escravidão e a exploração de trabalhadores migrantes.

Em abril deste ano, 180 trabalhadores (dentre eles indígenas e menores de idade) foram resgatados de situação semelhante à escravidão em vinícolas em Bento Gonçalves-RS. ⁴A vistoria constatou que o alojamento onde os mesmos viviam, apresentava condições precárias, incluindo problemas de conservação, higiene inadequada e falta de limpeza.

Durante a inspeção, foram confiscados um dispositivo de choque e um spray incapacitante. Os trabalhadores eram obrigados a cumprir longas jornadas, das 5h às 20h, com folgas apenas aos sábados, e recebiam alimentação inadequada, com relatos de comida estragada. Além disso, as investigações indicam que os trabalhadores tinham restrições quanto às compras, sendo direcionados a um mercado específico indicado pelo patrão, com preços elevados. O valor gasto era descontado nos salários, levando-os a acumular dívidas ao final do mês, resultando em uma situação financeira precária.

Em 22 de agosto, também deste, o Brasil foi palco do caso impactante de uma idosa de 90 anos, resgatada de condições análogas à escravidão em uma casa no Grajaú, Rio de Janeiro. ⁵Uma operação envolvendo o Ministério do Trabalho, Ministério Público do Trabalho e agentes da Polícia Federal conduziu o resgate. A idosa, cujo nome não foi divulgado, trabalhou por 50 anos como doméstica, sem vínculo empregatício registrado. Seu cotidiano envolvia cuidar de uma mulher centenária, dormindo em um sofá e utilizando um pequeno banheiro externo.

A persistência de casos de trabalho análogo à escravidão em nosso país é uma dolorosa realidade que lança luz sobre as profundas cicatrizes deixadas por décadas de escravidão em nossa história. Esses casos atuais de exploração laboral, embora possam não se assemelhar diretamente à escravidão histórica, revelam uma continuidade de desigualdades e abusos que afligem muitos trabalhadores. Os vestígios do passado escravocrata são evidentes na existência dessas práticas desumanas, que desafiam a noção de progresso e justiça social. A exploração de trabalhadores, frequentemente em condições degradantes e sem direitos trabalhistas adequados, é uma triste herança que ainda não foi completamente superada.

⁴ <https://oglobo.globo.com/rio/noticia/2023/09/05/empregada-domestica-de-90-anos-e-resgatada-de-situacao-analoga-a-escravidao-no-rio-de-janeiro.ghtml>. Acesso em: 23 ago.2023.

⁵Disponível em: <https://www.extraclasse.org.br/justica/2023/02/180-foram-resgatados-de-trabalho-escravo-para-vincolas-de-bento-goncalves/>. Acesso em: 05 set.2023.

Nesse contexto, é crucial reconhecer o papel fundamental do Ministério do Trabalho e da Previdência, conforme destacado no Brasil (2022), na tentativa de lidar com essa situação. No entanto, apesar dos esforços do governo e de outras organizações, a erradicação completa do trabalho análogo à escravidão continua sendo um desafio complexo. É uma batalha que exige uma abordagem abrangente, envolvendo não apenas a aplicação da lei, mas também a conscientização pública, a educação e a promoção de condições de trabalho mais dignas e justas.

4 TORTO ARADO E AS RELAÇÕES DE EXPLORAÇÃO NO CAMPO

O livro "Torto Arado" explora diversas temáticas, incluindo a reflexão sobre um trabalho que se assemelha à escravidão. Essa realidade é abordada em vários trechos, nos quais a narrativa discute e problematiza essa questão. A família de Bibiana e Belonísia reside em uma fazenda, onde atuam como "empregados" para o proprietário da propriedade, encarregados do cultivo das plantações e de outras tarefas. No entanto, não são remunerados por suas exaustivas atividades, recebendo apenas um pequeno lote de terra para cultivar grãos e vegetais básicos para sua alimentação. Além disso, têm restrições quanto à construção de casas permanentes (em alvenaria) nas terras do fazendeiro.

No trabalho análogo à escravidão, o indivíduo não é propriedade de outrem, diferentemente da escravidão durante o período colonial e imperial no Brasil, que o subjugava. Casaldáliga (1971) argumenta que a escravidão moderna tornou-se mais cruel, desrespeitando a dignidade humana dos trabalhadores livres, sujeitos a deveres e direitos, relegando-os a uma condição semelhante à daqueles que viveram sob a escravidão em séculos passados. Nesse contexto, ao analisar o romance "Torto Arado", percebe-se a presença de muitos desses elementos relacionados ao trabalho análogo à escravidão, conforme delineado pela legislação.

Os relatos que descrevem a chegada do pai de Bibiana e Belonísia à fazenda Água Negra destacam claramente o sistema de servidão presente na região, evidenciado pelas condições impostas a Zeca Chapéu Grande para que pudesse estabelecer residência naquelas terras:

Em troca, poderia se construir uma tapera de barro e taboa, que se desfizesse com o tempo, com a chuva e com o sol forte. Que essa morada nunca fosse um bem durável que atraísse a cobiça dos herdeiros. Que essa casa fosse desfeita de forma fácil se necessário. Podem trabalhar - contavam nas suas romarias pelo chão de Caxangá -, podem trabalhar, mas a terra é dessa família por direito. Os donos da terra eram conhecidos desde a lei de terras do império, não havia o que contestar. Quem chegasse era forasteiro, poderia ocupar, plantar e fazer da terra sua morada. Poderia cercar seu quintal e fazer roça nas várzeas nas horas vagas. Poderia comer e viver da terra, mas deveria obediência e gratidão aos senhores (Vieira Junior, 2019, p. 183).

Em "Raízes do Brasil", Sérgio Buarque de Holanda aborda as relações entre o senhor de engenho e o trabalhador, destacando a perspectiva do trabalhador que se concentra nas dificuldades a superar, em oposição à visão do senhor de engenho, mais orientada para os triunfos a serem alcançados.

Na sua escrita, Vieira Júnior evidencia uma continuidade na disposição para o domínio por parte do grande proprietário de terras, semelhante à atitude do senhor do engenho e do colonizador português. Mesmo ao longo de séculos, o tratamento dispensado ao negro livre não se diferenciava de forma significativa em relação ao escravizado. Apesar da liberdade formal, os negros na contemporaneidade ainda enfrentavam as sequelas persistentes dos períodos de escravidão:

A família Peixoto queria apenas os frutos de Água Negra, não viviam a terra, vinham da capital apenas para se apresentar como donos, para que não os esquecêssemos, mas, tão logo cumpriam sua missão, regressavam. Mas havia os fazendeiros e sítiantes que cresceram em número e que exerciam com fascínio e orgulho seus papéis de dominadores, descendentes longínquos dos colonizadores; ou um subalterno que havia conquistado a sorte no garimpo e passava a exercer o poder sobre outros, que, sem alternativa, se submetiam ao seu domínio (Vieira Junior, 2019, p.37).

Para o negro descendente de escravos em "Torto Arado", a sobrevivência era o maior desafio. Sem posses e enfrentando dificuldades para obter emprego assalariado, a ideia de propriedades e prosperidade parecia inalcançável. Em meio à fome iminente e à ameaça de morte, ter trabalho, mesmo não remunerado, e a chance de cultivar alimentos eram vistos como privilégios para garantir a subsistência:

O gerente queria trazer gente que “trabalhe muito” e “que não tenha medo de trabalho”, nas palavras de meu pai, “para dar seu suor na plantação”. Podia construir casa de barro, nada de alvenaria, nada que demarcasse tempo de presença das famílias na terra. Podia colocar roça pequena para ter abóbora, feijão, quiabo, nada que desviasse da necessidade de trabalhar para o dono da fazenda, afinal, era pra isso que se permitia a morada. Podia trazer mulher e filhos, melhor assim, porque quando eles crescessem substituiriam os mais velhos. [...] Dinheiro não tinha, mas tinha comida no prato (Vieira Junior, 2019, p. 41).

No trecho, percebemos uma exploração acentuada por parte dos proprietários da fazenda "Água Negra" em relação às famílias que lá residem. Além de não oferecerem salários, os moradores são utilizados como mão de obra nas plantações, enquanto os donos se beneficiam das colheitas produzidas pelas famílias, que constituem sua única fonte de alimentação. Essa dinâmica expõe uma relação desigual e opressiva entre os habitantes locais e os detentores da propriedade.

No desenvolver do romance, Belonísia menciona que "o povo de Água Negra passou a seguir para a cidade antes de o sol raiar, sem conhecimento do gerente, se embrenhando pelas matas para não serem descobertos, na intenção de vender o peixe e comprar mantimento" (VIEIRA JR, 2019, p. 106-107). Esse relato retrata a árdua condição das pessoas diante da seca, buscando meios de sobrevivência, e a referência aos foragidos sugere uma dinâmica de submissão em um contexto desafiador.

Outro elemento significativo que caracteriza o trabalho semelhante à escravidão no romance é a supervisão imposta pelos proprietários da fazenda no local de trabalho, exemplificada pelo capataz Sutério. A cada semana, ele percorria as residências das famílias para coletar os melhores grãos e vegetais das plantações familiares em favor do patrão, exercendo dessa maneira uma pressão sobre os trabalhadores de Água Negra:

Sutério pegou a maior parte da batata-doce com as duas mãos grandes que tinha e levou para a Rural que havia deixado em nossa porta. Pilhou também duas garrafas de dendê que guardávamos para fazer os peixes miúdos que pescávamos no rio. Lembrou a meu pai da terça parte que tinha que dar da produção do quintal. Mas as batatas não eram produção do quintal. Da terra seca não brotava nem pasto, muito menos batata. E a secura era tanta que nem as várzeas estavam sendo cultivadas... - Vi a vergonha de meu pai crescer diante de nós, sem poder fazer nada... (Vieira Junior, 2019, p. 85).

Com o decorrer do tempo, a família que anteriormente possuía a fazenda Água Negra optou por vender suas terras a outro fazendeiro, uma vez que os filhos do proprietário, após a morte do pai, perderam o interesse nos negócios. O novo dono da fazenda não difere significativamente do antigo em relação ao regime trabalhista prevalecente nas terras até então. Ele continuou a explorar os trabalhadores, entretanto, de uma maneira distinta, como evidenciada a seguir:

Aos poucos, foi chegando, como um benfeitor, dizendo que nada iria mudar. se mostrava solidário, levando um ou outro para a cidade em seus carros se precisava de médico, propagando aos quatro ventos como era bom aos seus trabalhadores. Depois montou um barracão de mantimentos, resolveu criar porcos, e quem estivesse disposto a trabalhar teria direito a salário, que as

peças nunca receberam de fato. Os dias de trabalho eram pagos com a retirada de mercadorias e, ao sair de lá, os moradores terminavam deixando uma dívida maior do que o pagamento que tinham a receber (Vieira Junior, 2019, p. 197).

Mesmo após a abolição da escravidão, observa-se que a maioria dos libertos enfrentavam dificuldades para alcançar uma liberdade plena. A escassez de alternativas os colocava em um ciclo contínuo de exploração e trabalhos degradantes, evidenciando que a emancipação formal não se traduzia necessariamente em uma libertação efetiva. Como enfatiza a encantada Santa Rita Pescadeira:

Meu povo seguiu rumando de um canto para o outro, procurando trabalho. Buscando terra e morada. Um lugar onde pudessem plantar e colher. Onde tivesse uma tapera para chamar de casa. Os donos já não podiam ter mais escravos, por causa da lei, mas precisavam deles. Então, foi assim que passaram a chamar os escravos de trabalhadores e moradores. Não poderiam arriscar, fingindo que nada mudou, porque os homens da lei poderiam criar caso. Passaram a lembrar para seus trabalhadores como eram bons, porque davam abrigo aos pretos sem casa, que andavam de terra em terra procurando onde morar (Vieira Junior, 2019, p. 204).

O medo persistia entre os negros descendentes de escravos mesmo após a conquista da liberdade no Século XX, refletindo-se nas preocupações com a fome, o abandono, o castigo físico, a humilhação e a morte. A liberdade, embora alcançada, ainda exigia um preço significativo para essa comunidade:

Eu e Belonísia ouvíamos a conversa das filhas de dona Carmeniuzza e dona Tonha. Elas falavam da visita dos patrões às roças da fazenda. Queriam saber se eles haviam chegado por aqui, se tinham levado as batatas do nosso quintal também. Mas as batatas do nosso quintal não são deles, alguém dizia, eles plantam arroz e cana. Levam batatas, levam feijão e abóbora. Até folhas pra chá levam. E se as batatas colhidas estiverem pequenas fazem a gente cavoucar a terra para levar as maiores – disse Santa, arregalando os olhos para mostrar sua revolta Que usura! Eles já ficam com o dinheiro da colheita do arroz e da cana. Poderiam muito bem comprar batata e feijão no armazém ou na feira da cidade. Nós é que não conseguíamos comprar nada, a não ser quando vendíamos a massa do buriti e o azeite de dendê, escapulindo dos limites da fazenda sem chamar a atenção. Mas a terra é deles. A gente que não dê que nos mandam embora. Cospem e mandam a gente sumir antes de secar o cuspo – alguém disse, num sentimento de deboche e indignação (Vieira Junior, 2019, p. 32).

As dinâmicas laborais no ambiente rural são abordadas de maneira impactante na trama. O autor, aprofunda-se na realidade dos trabalhadores rurais, destacando as condições desfavoráveis, a exploração e a desigualdade presentes em suas vidas. Ele pinta um quadro contundente do sistema de trabalho no campo, expondo a opressão e

marginalização enfrentadas pelos trabalhadores. Por meio de personagens como Zeca Chapéu Grande, o leitor é imerso na rotina árdua e exaustiva do labor agrícola, caracterizado pela escassez de recursos, carência de oportunidades e abuso de poder.

5 RESISTIR É NECESSÁRIO: A LUTA DE RESISTÊNCIA E O PROTAGONISMO FEMININO EM ÁGUA NEGRA

A história do gênero feminino é permeada por um longo período de subjugação e desigualdade. Isso reflete a existência de uma relação de domínio e submissão entre homens e mulheres, com estas últimas frequentemente relegadas a um não lugar na sociedade (Lopes, Dering, & Moreira, 2021). Durante a época da colonização, a identidade feminina era, em essência, caracterizada como submissa, servil, oprimida e desprovida de voz. Nesse contexto, a linguagem desempenhou um papel crucial na perpetuação de preconceitos e no silenciamento das mulheres.

No entanto, é importante ressaltar que a situação, embora ainda desafiadora, melhorou ao longo do tempo. Algumas mulheres ousaram romper com esse silenciamento e começaram a afirmar suas vozes por meio da escrita. Esse ato de expressão literária e artística foi fundamental para criar espaços de empoderamento e reconhecimento para as mulheres na sociedade.

Nessa parte deste artigo, evidenciamos como o livro de Itamar Vieira Júnior se relaciona com a Literatura de Testemunho. De forma direta, "Torto Arado" está ligado ao que Seligmann-Silva (2003) e Sarmiento-Pantoja (2021) chamam de testemunho, porque mesmo sendo uma história inventada, o livro inclui partes que parecem relatos reais, especialmente quando descreve situações traumáticas. Além disso, pensamos que, no geral, a linguagem usada na literatura é uma forma de resistir a um mundo que oprime e viola os direitos humanos de diferentes maneiras.

Bosi (2002) destaca que, em sua perspectiva, a obra de arte transcende seu caráter estético, assumindo um aspecto ético. Ele argumenta que a arte, de certa forma, representa uma forma de resistência contra dispositivos que corrompem as individualidades e o coletivo:

Resistência é originariamente um conceito ético, e não estético. O seu sentido mais profundo apela para a força de vontade que resiste a outra força, exterior ao sujeito. Resistir é opor a força própria à força alheia. O cognato próximo é

in/sistir; o antônimo familiar é de/sistir. A experiência dos artistas e seu o seu testemunho dizem, em geral, que a arte não é uma atividade que nasça da força de vontade. Esta vem depois. A arte teria a ver primariamente com as potências do conhecimento: a intuição, a imaginação, a percepção e a memória (Bosi, 2002, p. 118).

A obra destaca a resistência das mulheres negras brasileiras ao longo do tempo, enfrentando subordinação e marginalização desde os tempos coloniais. Personagens como Bibiana utilizam a educação para conscientizar os moradores e resgatar o respeito pelas histórias dos antepassados. Belonísia, por sua vez, demonstra uma conexão íntima com a terra, habilidade para trabalhá-la e sensibilidade desde a infância. Conforme Vieira Junior (2019, p. 245) descreve, "a mata a fez forte e sensível, ainda menina, para reconhecer o movimento do mundo". No capítulo três "Rio de sangue", a encantada Santa Rita Pescadeira, ao narrar sua história ancestral, revela desafios e lutas pela sobrevivência de seu povo naquela terra. As vozes dessas três mulheres no romance emergem como expressões poderosas de resistência.

A sororidade, conforme descrito por Bacci (2020), destaca-se como uma ética de cuidado e uma política feminista, promovendo práticas solidárias entre mulheres. Esse conceito é perceptível no romance de Itamar Vieira Junior, onde a sororidade se manifesta nas relações entre as irmãs e também entre personagens como Belonísia e Maria Cabocla.

Itamar Vieira Junior, ao adotar uma forma dialética, tece uma trama onde os enunciados reverberam como práticas combativas contra sistemas excludentes, particularmente dirigidas a mulheres, negros e trabalhadores. A tessitura política do romance visa incitar reflexões profundas sobre desigualdades preestabelecidas. O autor habilmente incorpora uma complexidade de vozes que resistem a diversos meios de obstrução, desde a violência doméstica até a negação de direitos trabalhistas. Essas vozes, permeadas por uma determinação inabalável, ecoam como um testemunho da perseverança diante de adversidades sistêmicas. A seguir um trecho que ilustra essa afirmação:

Foi mais ou menos naquele período que me veio um forte sentimento de culpa por ter aceitado viver com Tobias. Ele nunca havia feito perversidade como o marido de Maria Cabocla e de tantas outras, que faziam das mulheres saco de pancada. Somente uma vez tinha ameaçado me bater, quando me fez procurar uma calça puída que tinha costurado dias antes para que vestisse. Gritou com seu jeito grosseiro, e eu, me sentindo ofendida, não arredei o pé da cadeira onde costurava uma toalha. Ele levantou a mão como se fosse dar um tapa, mas a susteve no ar quando interrompi a costura para mirar com

olhos ferozes os seus olhos. Como se o desafiasse a fazer o que ele queria, para ver se sua bravura ultrapassaria minha determinação. Senti um bicho ruim me roendo por dentro naquele instante e talvez ele tenha visto a fúria que guardava. Tobias abaixou a mão e parou de falar, envergonhado, e saiu para beber mais. Quando retornou, cambaleando, deitou na cama ainda sujo e dormiu (Vieira Junior, 2019, p. 135).

Tradicionalmente, a dinâmica entre homens e mulheres tem sido descrita como uma relação de poder em que o masculino predomina sobre o feminino. O trecho acima exemplifica como o romance de Itamar se distancia da temática anteriormente mencionada acerca da relação entre homem e mulher. A força das personagens femininas em "Torto Arado" está centrada em sua capacidade de resistir a qualquer forma de autoritarismo que prejudique sua dignidade. Não é surpreendente que Bibiana, ao enfrentar a trágica perda do marido por assassinato, assuma a liderança no movimento previamente organizado por Severo em Águas negras:

Todos sabem o que Severo fez por Água Negra. Chegou aqui muito pequeno, fomos morar fora para arranjar a vida, porque aqui as coisas foram ficando difíceis. Mas tinha gosto e respeito por vocês. Tinha consciência de nossa história. Sabia o que o nosso povo tinha sofrido desde antes de Água Negra. Desde muito tempo. Desde os dez mil escravos que o coronel Horácio de Matos usou para encontrar diamante e guerrear com seus inimigos. Quando deram a liberdade aos negros, nosso abandono continuou. O povo vagou de terra em terra pedindo abrigo, passando fome, se sujeitando a trabalhar por nada. Se sujeitando a trabalhar por morada. A mesma escravidão de antes fantasiada de liberdade. Mas que liberdade? Não podíamos construir casa de alvenaria, não podíamos botar a roça que queríamos. Levavam o que podiam do nosso trabalho. Trabalhávamos de domingo a domingo sem receber um centavo. O tempo que sobrava era para cuidar de nossas roças, porque senão não comíamos. Era homem na roça do senhor e mulher e filhos na roça de casa, nos quintais, para não morrerem de fome. Os homens foram se esgotando, morrendo de exaustão, cheios de problemas de saúde quando ficaram velhos (Vieira Junior, 2019, p. 220).

A partir do momento em que ela enfrenta a perda do marido, emerge como uma figura central no movimento pela defesa dos direitos dos trabalhadores em Água Negra. Nesta cena, torna-se claro que a resistência à realidade não se limita à expressão literária; o discurso de Bibiana entre os moradores transcende, apresentando diversas formas de resistência que ecoam nas esferas sociopolíticas. Em relação a esse contexto, Bosi (2002) contribui ao salientar que:

Para condenar um ato como injusto, é indispensável ao ser ético, saber se, efetivamente, o seu sentimento de indignação está fundado em uma percepção correta dos fatos e das intenções dos sujeitos. O valor nessa esfera da práxis, se provará pela coerência com que o homem justo se comporta a partir da sua decisão. Os obstáculos à sua vontade virão de fora, pertencerão à lei da necessidade natural ou à surpresa das contingências, mas dentro dele,

no seu chamado foro íntimo, o imperativo do dever se manterá intacto. De todo modo, é o princípio da realidade com toda sua dureza que rege a realização dos valores no campo ético (Bosi, 2002, p. 121).

Nesse véis, a presença da perda na realidade dos personagens de Torto Arado desencadeia uma necessidade imperativa de preservar valores, transformando a resistência em uma ferramenta não apenas para escapar da dor, mas principalmente para enfrentar uma força opressora que subjuga e que os colocam à margem da sociedade. A voz de Bibiana, ao se manifestar, se torna um dispositivo combativo contra um sistema rotineiramente excludente. Assim, é crucial compreender como ética e estética se entrelaçam em Torto Arado, criando novas e significativas formas de literatura que não apenas abordam questões políticas, mas, acima de tudo, exploram a essência humana.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final desta análise, concluímos que a obra aborda de maneira perspicaz várias questões cruciais na sociedade brasileira contemporânea, como a luta pela terra, as desigualdades sociais enraizadas na escravidão, a violência doméstica contra mulheres e o movimento que destaca histórias, ancestralidade e memórias afro-brasileiras.

A narrativa utiliza os elementos históricos não como uma reconstrução precisa, mas sim através das lembranças dos personagens fictícios e dos relatos dos mais velhos da comunidade, incluindo a encantada Santa Rita Pescadeira. As referências à história brasileira são apresentadas a partir das observações cotidianas e do universo interior dos personagens, proporcionando uma perspectiva única.

Destaca-se a individualidade das narradoras, Bibiana e Belonísia, que contam a história a partir de seus pontos de vista distintos. Cada uma percebe as injustiças a que estão submetidas em momentos e formas próprios, contribuindo para uma compreensão mais profunda da necessidade de mudança. Essa abordagem pessoal e cotidiana promove uma conexão mais intensa com as experiências e desafios enfrentados pelos personagens.

Em vista disso, é esperado que essa pesquisa venha a contribuir para possíveis discussões sobre as relações de trabalho escravo moderno e para convidar o público leitor sobre a primordialidade de transformações expressivas nesse âmbito, assim

propiciando uma reflexão e uma conscientização acerca de condições de trabalho dignas e justas, seja no zona rural ou na cidade.

REFERÊNCIAS

- BACCI, Claudia Andrea. **A hora que estamos juntas**: memórias, políticas y emociones feministas. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v. 28, n. 2, 2020, p.1-15.
- BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1974.
- BOSI, Alfredo. **Narrativa e Resistência**. In: ____ **Literatura e resistência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002, p. 118-135.
- BUENO, Eduardo. **Brasil, uma história – cinco séculos de um país em construção**. São Paulo: Leya, 2012.
- BRASIL. Projeto de Lei nº 3.842/2012. Dispõe sobre o conceito de trabalho análogo ao de escravo. Altera o Decreto-lei nº 2.848, de 1940. Disponível em: <http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao=54418>. Acesso em: 25. Out.2023.
- BRASIL, Código de Direito Penal. Decreto-Lei nº 2848, de 07 de setembro de 1940.
- CASALDÁLIGA, P. **Uma igreja na Amazônia em conflito com o latifúndio e a marginalização social**. São Félix do Araguaia: Carta Pastoral, 1971.
- CARVALHO, José Murilo de. **Pontos e Bordados: Escritos de História e Política**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.
- DEBONA, Larissa Luiza; DUARTE, Odair. **Trabalho análogo ao de escravo**. 5º Simpósio de Acessibilidade e Contemporaneidade nas Ciências Sociais, 2017. Disponível em: <https://www.fag.edu.br/upload/contemporaneidade/anais/594c14878d392.pdf>. Acesso em: 07 out. 2023.
- DUARTE, E. A. **Literatura e afrodescendência no Brasil**. In: PEREIRA, E. A. (Org.). **Um tigre na floresta de signos**: estudos sobre poesia e demandas sociais no Brasil. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2010.

CLASSE. Extra “**180 foram resgatados de trabalho escravo para vinícolas de Bento Gonçalves**”. Extra Classe [online], fevereiro de 2023. Disponível em: <https://www.extraclassa.org.br/justica/2023/02/180-foram-resgatados-de-trabalho-escravo-para-vinícolas-de-bento-goncalves/>.

Acesso em: 19 ago. 23.

FREYRE, Gilberto. **Casa-Grande & Senzala**. São Paulo: José Olympio Editora, 1999.

GONZAGA, Tomás Antônio. Lira XIV. In: **A poesia dos inconfidentes: poesia completa de Claudio Manuel da Costa, Tomás Antônio Gonzaga e Alvarenga Peixoto**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1996.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

GLOBO, o. "**Empregada doméstica de 90 anos é resgatada de situação análoga à escravidão no Rio de Janeiro**". O Globo [online], 5 de setembro de 2023. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/rio/noticia/2023/09/05/empregada-domestica-de-90-anos-e-resgatada-de-situacao-analoga-a-escravidao-no-rio-de-janeiro>.

Acesso em: 10 out.23.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro – A formação e o sentido do Brasil**. São Paulo: Global, 2015

SARMENTO-PANTOJA, Augusto. **Entre frestas: considerações sobre o teor ficcional, o teor de verdade e o teor testemunhal**. Revista Moara, n. 56, vol. 2, jul, p. 112-139, 2021.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. **Narrar o trauma: a questão dos testemunhos de catástrofes históricas**. Psicologia Clínica, v. 20, n. 1. Rio de Janeiro: Departamento de Psicologia da PUC – Rio, 2008.

VIEIRA JUNIOR, Itamar. **Torto Arado**. São Paulo: Todavia, 2019.